

Práticas pedagógicas no ensino de artes: Oficina de desenho animado com ênfase em leitura de imagem

Pedagogical practices in teaching arts: Animated drawing office with image reading emphasis

Luciana Pereira da Costa e Silva

Universidade do Estado do Amazonas

lucianapsilva09@gmail.com

.....

Francisco Carneiro Filho

Universidade Federal do Amazonas

f Filho@ufam.edu.br

Resumo

Este trabalho objetiva descrever um relato de experiência na área de Artes, que ocorreu em 2016 na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vicente de Paula em Manaus/AM, cujo foco principal foi utilizar a técnica do desenho animado, como fomento para a leitura de imagens. A atividade foi realizada por meio da parceria com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que objetiva a formação de novos docentes nas licenciaturas, além de levar ao professor do ensino básico, a oportunidade de entrar em contato com o processo de pesquisa e novas abordagens pautadas na inserção de tecnologias. A abordagem triangular, estabelecida pela educadora Ana Mae Barbosa, norteou o planejamento e a execução desta prática pedagógica.

Palavras-chave: Artes. Desenho animado. Leitura de imagem.

Abstract

This work aims to describe an experience report in the field of Arts, which occurred in 2016 at the Municipal School of Vicente de Paula Elementary School in Manaus/AM, whose main focus was to use the cartoon technique as a promotion for reading images. The activity was carried out through the partnership with the Institutional Scholarship Teaching Initiation Program (PIBID), which aims at training new teachers in the degree courses, as well as giving the elementary school teacher the opportunity to get in touch with the process. And new approaches based on the insertion of technologies. The triangular approach, established by the educator Ana Mae Barbosa, guided the planning and execution of this pedagogical practice.

Key words: Arts. Cartoon. Image reading.

Introdução

A disciplina de Artes é parte integrante do currículo escolar desde 1996, quando foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996). Por esta lei, o ensino de Artes tornou-se reconhecido e obrigatório na educação básica. O objetivo principal seria promover o desenvolvimento cultural dos alunos. Com a promulgação da lei, foram criados também os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), tendo a função de orientar a prática dos educadores em todas as áreas de ensino. No que diz respeito às Artes, os PCNs (BRASIL, 1998) propõem que sejam trabalhadas quatro modalidades artísticas: Artes Visuais, Música, Dança e Teatro. Dentro dessas linguagens, a proposta é que o discente tenha experiências de contextualização, prática e fruição do conteúdo em estudo. Entretanto, na atual conjuntura, a desvalorização da disciplina no meio político-pedagógico; o despreparo de profissionais que atuam na área; o curto tempo imposto no currículo e a falta de materiais que viabilizem o fazer artístico, podem ser considerados entraves, para a efetivação de uma prática pedagógica exitosa.

Vista ainda por muitos como disciplina lúdica, a Arte não é tratada com a verdadeira cientificidade que a embala. Os estudos voltados para esta área do conhecimento envolvem preceitos filosóficos, sociais, políticos que demandam tempo e estudos exaustivos, da parte dos que se empenham neste tipo de ensino. Possibilitar o conhecimento estético, permitir que o indivíduo utilize a sensibilidade para emitir juízo de valor, é uma forma de emancipá-lo, e trazer à tona a visão crítica. Segundo Marcuse (2013, p. 66), a arte tem esse poder transcendental de elevar o indivíduo a um nível de emancipação a partir da experiência estética vivida pelo mesmo.

A arte abre uma dimensão inacessível à outra experiência, uma dimensão em que os seres humanos, a natureza e as coisas deixam de se submeter à lei do princípio da realidade, hoje dominante. Sujeitos e objetos encontram a aparência dessa autonomia que lhes é negada na sua sociedade. O encontro com a verdade da arte acontece na linguagem e imagens distanciadoras, que tornam perceptível, visível e audível o que já não é ou ainda não é percebido, dito e ouvido na vida diária.

Uma vez constatada a desvalorização da Arte no currículo escolar, muitos professores responsáveis por ministrar a disciplina não são formados na área, e, não tem a devida habilidade de transmitir esse tipo de conhecimento com propriedade. É comum vermos docentes complementando suas horas de trabalho com esta disciplina. Por mais que sejam criativos e esforçados, não terão o arcabouço inerente a um estudioso da área. Sendo assim, os trabalhos podem se restringir a teorias sem prática ou práticas rasas, sem profundidade de conteúdo. Em relação à formação dos docentes, é pontual destacar que os cursos de formação na área de artes, comumente contemplam somente uma das linguagens artísticas. Há profissionais formados, respectivamente, em Artes Visuais, Música, Dança e Teatro. Contudo, ao chegarem ao mercado de trabalho se deparam com o currículo que contém as quatro linguagens a serem trabalhadas, e, independente da especialização do professor, se faz necessário que ele ministre todas as aulas.

Outro entrave seria o curto espaço de tempo determinado a disciplina no

currículo escolar. No norte do Brasil, especificamente na capital do Amazonas, Manaus, a disciplina de Artes tem 45 minutos semanais, no ensino fundamental. É desafiador desenvolver um trabalho que contenha contextualização, prática e fruição artística nesse curto espaço de tempo. Sendo assim, muitos educadores da área se desanimam, e não se dedicam à realização de práticas pedagógicas diferenciadas.

O trabalho com a disciplina de Artes requer a utilização de materiais específicos. Tais materiais não são disponibilizados com frequência no ambiente escolar. Por conta deste fator, as práticas pedagógicas se restringem às teorias, tolhendo assim o processo criativo-prático do discente. Quando os materiais estão disponíveis, o espaço para trabalhar pode ser um entrave. Em prol a manutenção da ordem e disciplina, também se deixa de executar atividades diferenciadas. Em relação ao uso de tecnologias, também é necessário frisar que muitas escolas ainda não dispõem do suporte necessário, para a efetivação de práticas pedagógicas que envolvam tais equipamentos. Diante de tais dificuldades, quais seriam os caminhos a percorrer para driblar essas intempéries? Os recursos tecnológicos disponíveis poderiam ser usados como fomento para realização de boas práticas? De que forma?

Com o auxílio do Subprojeto de Artes Visuais, vinculado ao Programa Institucional de bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), foi possível executar práticas pedagógicas inovadoras, que contemplaram o uso de tecnologias aplicadas ao ensino de artes. Usando como metodologia a realização de oficinas voltadas para as mais variadas técnicas de animação, que tem feito diferença desde 2014, na Escola Municipal Vicente de Paula, (Manaus/Amazonas). Especificamente, neste relato, pretende-se discorrer sobre a técnica do desenho animado, como metodologia aplicada à leitura de imagens. A atividade foi desenvolvida com os alunos do 9º ano, no primeiro bimestre letivo de 2016. A interação entre os saberes da Universidade e da escola são cruciais, para a elaboração de estratégias coesas, e de grande impacto para efetivação do processo de ensino e aprendizagem.

O advento das comunicações proporcionou um novo momento no processo de apreciação e fruição da obra de arte. Walter Benjamim (1892-1940), em seu discurso sobre A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica (1989) , descreve como a aura do expectador mudou, em conformidade com o momento de massificação dos meios de comunicação (BENJAMIM, 1994). Uma obra que só poderia ser vista e apreciada em determinado lugar, torna-se acessível a todos pela comodidade das tecnologias. Não se trata da obra de arte ter perdido o seu valor aurático, mas das mudanças ocorridas no processo de produção e fruição artística. A exposição em massa de um objeto artístico pode proporcionar diferentes experiências estéticas. À medida que acontece essa exposição, e que o receptor é surpreendido por uma nova abordagem há um choque (*Shock*), ou seja, uma reestruturação do pensamento. Esse estranhamento peculiar de quem observa a obra também pode ser comparado com o (*St0oss*) descrito pelo filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), que diz respeito a uma nova abertura ontológica-epocal, uma verdade posta em ação (VATTIMO, 1992). As duas abordagens convergem no sentido de que a obra de arte tem o poder de promover o desenraizamento, ou seja, tira o indivíduo do lugar de conforto, levando-o a perceber outras possibilidades ainda não vistas, elevando-o a um

nível de emancipação.

Contudo, os dois conceitos, o de Heidegger e o de Benjamim, têm pelo menos um aspecto em comum: a insistência sobre o desenraizamento. Num caso e noutro, a experiência estética surge como uma experiência de estranhamento, que exige um trabalho de recomposição e de readaptação (VATTIMO, 1992, p. 57).

Segundo o sociólogo e filósofo Herbert Marcuse (1898-1979), a obra de arte tem esse poder transcendental. Ela não está a favor de classes sociais específicas, e em sua essência, pode ser um caminho de emancipação, uma vez que proporciona ao apreciador a possibilidade de sublimação e dessublimação, ou seja, a experiência estética não é única. Cada vez que uma pessoa se submete a uma apreciação, gera novas experiências. Um ouvinte que vai a um determinado concerto por várias vezes terá diferentes olhares e possibilidades de fruição. Outro que aprecie uma determinada obra de arte em suporte fonográfico poderá ter diferentes impressões, cada vez que se submeter à mesma. Nesse sentido está o caráter emancipatório da obra de arte. Evidenciando todas as vicissitudes de um povo, não elege classes sociais, privilegiando uma em detrimento de outras. As manifestações artísticas são livres no sentido de não representar apenas uma faceta de um povo.

Essas novas abordagens no processo de fruição da obra de arte devem ser levadas em consideração no processo de ensino. O professor pesquisador precisa estar atrelado às mudanças ocorridas com o advento da pós-modernidade para que não seja pego com afirmações obsoletas e sem sentido. Um dos fatores primordiais para a eficácia no ensino de artes é a segurança que o docente precisa ter em seu discurso. Se este entrar em sala de aula e não estiver seguro em sua área de atuação, não conseguirá a atenção e a confiança dos alunos.

Não posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho (FREIRE, 1996, p. 96).

A porta do diálogo da aprendizagem poderá se abrir ou fechar, dependendo da postura do emissor. Não quer dizer que o professor seja o detentor do conhecimento e nem que seja fechado em seu processo de aprendizagem. O importante é estar munido de conhecimentos e ter a capacitação para promover reflexões, através de sua abordagem. Apesar das limitações impostas pelo próprio sistema, o docente precisa encontrar meios para pôr em ação suas práticas e nunca permitir a acomodação. As pesquisas, a criatividade, devem ser amigas inseparáveis deste professor que almeja fazer diferença em sua prática pedagógica. O profissional que se cristaliza em raízes e não atenta para as novas opções estará designado à frustração e será superado por outros por conta da competitividade.

O trabalho com arte na escola tem uma amplitude limitada, mas ainda assim há possibilidades dessa ação educativa ser quantitativa e qualitativamente bem-feita. Para isso, seu professor precisa encontrar condições de aperfeiçoar-se continuamente, tanto em saberes artísticos e sua história, quanto em saberes sobre a organização e o desenvolvimento do trabalho de educação escolar em arte (FERRAZ

A abordagem triangular sistematizada pela educadora Ana Mae Barbosa tem sido uma das principais fundamentações da prática do ensino de artes. De acordo com Barbosa (1998), todo conteúdo de natureza estética ou visual pode ser explorado, interpretado e operacionalizado através de uma abordagem diferenciada. “A Proposta Triangular é construtivista, interacionista, dialogal, multiculturalista e é pós-modernista por articular tudo isto e por articular arte como expressão e como cultura na sala de aula [...]” (BARBOSA, 1998, p. 41). A abordagem triangular não é uma metodologia, mas um caminho proposto por esta educadora para nortear uma prática pedagógica exitosa. Essa sistematização se baseia em três eixos norteadores: fazer artístico, leitura da imagem (obra de arte) e contextualização (história da arte).

No que concerne ao uso de tecnologias no contexto escolar, pode-se afirmar que são ferramentas facilitadoras do conhecimento e aprendizagem. Logo, é importante que o professor esteja inteirado com as inovações, podendo fazer uso das mesmas em sala de aula. Os alunos do 9º ano pertencem à conhecida geração Z (de quem nasce a partir de 2000), portanto, são considerados nativos digitais por apresentarem muita identificação com vários artefatos tecnológicos contemporâneos (*gadgets*), como smartphones, *tablets*, MP3 *players*, entre outros, e seria interessante aproveitar estes conhecimentos e aplicá-los em prol ao ensino.

De um modo geral, as crianças apropriam-se das imagens, sons e gestos contidos nas mensagens veiculadas pelas mídias, reelaborando-os e reutilizando-os na maioria das vezes de uma maneira pessoal. Por isso, em nosso trabalho de intermediação educativa em arte devemos focalizar também as mídias, o universo tecnológico, as mais recentes produções de design e de comunicação visual, musical ou outras que componham nossa ambiência. E como o nosso objetivo é a ampliação dos saberes dos jovens em arte, pode-se procurar desvelar os componentes artísticos através de leitura, apreciação, interpretação e análise mais crítica dessas produções comunicativas (FERRAZ et al., 1999, p. 44).

Há educadores que se opõem ao uso de tecnologias por não saberem lidar com as mesmas, e/ou por terem resistência às novas abordagens pedagógicas. É lamentável essa atitude, uma vez que o mundo não está estático, e as mudanças ocorrem constantemente no contexto pós-moderno. Sendo assim, o professor precisa ter uma visão ampliada, sempre disponível para aprender, para interagir com o meio. O docente precisa assumir a postura de um eterno pesquisador. Entender que a clientela que vai receber em cada ano é mutável. Por isso, precisa estudar e elaborar novas estratégias para alcançar a atenção do aluno, e proporcionar a este, uma experiência valorosa, que possa trazer significativa mudança em sua vida como cidadão e ser pensante.

Necessitamos repensar a escola, melhorar a formação docente, disponibilizar o acesso às informações e melhorar a fluência tecnológica de professores e alunos, capacitá-los para que possam desfrutar dos avanços científicos e tecnológicos e aprendam a construir conhecimento a partir do uso dessas tecnologias (MORAES, 2004, p. 279).

O uso de tecnologias na disciplina de Artes é fundamental, uma vez que a arte

acompanha o conhecimento humano e se apropria do mesmo, como forma de expressão. Com a comodidade proporcionada pelos meios eletrônicos, o docente e discente pode ter contato com obras em diversos contextos históricos, percebendo a mentalidade de época e se debruçando em aspectos mais profundos, outrora não percebidos. Apreciar e ter uma experiência de fruição, visitar museus e coleções que só poderiam ser vistos *in loco*. Logo, o exercício da leitura de Imagens é uma abordagem excelente para promover no aluno a capacidade de interpretação textual.

Numa sociedade predominantemente imagética, a importância do desenvolvimento de diferentes estratégias para a aquisição de códigos que possibilitem leituras visuais de maneira aprofundada é vital. A prática de uma disciplina de arte que trabalhe não somente exercícios de leitura visual, mas que gradativamente insira leituras e escritas de textos como forma de aprofundamento, colabora para a formação do estudante em um contexto mais amplo de aprendizagem (AROUCA, 2012, p. 16).

Ao inserir em sua prática pedagógica situações de leitura de imagens, o professor de Arte, além de contribuir para melhorar a qualidade das produções visuais dos alunos, está também colaborando direta e indiretamente para inúmeras e diferentes situações de aprendizagem, nas quais a compreensão de signos é fundamental (AROUCA, 2012, p. 38).

Entende-se que a aprendizagem se consolida a partir de pressupostos que tenham significação para o aprendiz. Logo, é importante que o docente tenha essa sutileza de fazer associações do conhecimento em voga, com situações do cotidiano do aluno. Atrelar à leitura de imagens com o uso de tecnologias é uma boa combinação para alcançar um bom resultado pedagógico.

A oficina técnica do desenho animado como subsídio para a leitura de imagens

A prática pedagógica em relato neste trabalho foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vicente de Paula (Manaus/AM), com as turmas de nonos anos, no primeiro bimestre letivo de 2016. É pertinente considerar que a organização da oficina seguiu um planejamento sistematizado pela equipe do subprojeto de Artes Visuais, incluindo o coordenador de área (professor da Instituição de ensino superior), da supervisora (professora do ensino básico) e dos acadêmicos em formação. Nas reuniões semanais, foi socializado o planejamento da professora supervisora, e ficou acertado que se aplicaria a técnica do desenho animado como subsídio para a prática de leitura de imagens.

Em primeiro plano, foi trabalhado o aspecto formal, o aspecto temático e de contextualização de algumas obras de arte, entre elas, o quadro *Violeiro* do pintor Almeida Júnior (1850-1899). Os alunos foram instigados a fazerem uma leitura da obra de arte, levando em consideração preliminarmente os aspectos extrínsecos à obra como: personagens, ambiente, cores, formas. Posteriormente, verificaram-se os aspectos intrínsecos como: estilo, mentalidade cultural, dados da obra, do artista etc. Cada informação serviu como fundamento para prováveis interpretações. Esse primeiro momento de

explicação do conteúdo e interações, foi denominado como contextualização. Assim, foi proposto aos alunos que escolhessem uma obra de arte de qualquer época, para a prática da leitura de imagem. Para a produção de um vídeo de animação, também foi solicitado que trouxessem a cópia em preto e branco da imagem escolhida para aula seguinte.

Sabemos que, além da produção de imagens, é fundamental o exercício e o aprendizado da interpretação, com o aluno atribuindo sentido a imagens de períodos e contextos variados, desde as produções artísticas mais antigas até as produções contemporâneas mais instigantes (regionais, nacionais e internacionais) (MODINGER et al., 2012, p. 56).

Na segunda aula, ocorreu a produção. Esse momento foi realizado no Telecentro da escola, local disponível para uso de computadores por professores e alunos. O trabalho foi realizado em equipes. Para essa etapa, os alunos fizeram uso de alguns artefatos como a mesa de luz, scanner e computadores. A partir das imagens escolhidas por cada equipe, os alunos utilizaram a mesa de luz para fazerem três frames (desenhos), com efeitos de animação (Figura 1). Tais frames foram digitalizados para servirem como material para um vídeo. A edição foi realizada no *software Movie Maker* (Figura 2). Além do desenho animado, o vídeo deveria conter de forma sucinta a leitura da imagem escolhida. Este trabalho teve que se estender para a aula seguinte. Assim cada equipe conseguiu concluir seus vídeos com êxito.



Figura 1: Produção de frames na mesa de luz
Fonte: Próprios autores (2016)



Figura 2: Edição de vídeos no Telecentro
Fonte: Próprios autores (2016)

Na quarta semana, os alunos foram convidados a expor seus trabalhos para a turma, e avaliar o próprio desempenho. Essa etapa se chamou apreciação. O resultado foi satisfatório, uma vez que os alunos se empenharam na atividade proposta, e através da visualização dos trabalhos uns dos outros, houve reciprocidade na aprendizagem (Figura 3).



Figura 3: Processo construtivo
Fonte: Próprios autores (2016)

O processo de aprendizagem se deu desde o momento de contextualização. Os alunos foram sensibilizados acerca de se fazer uma leitura mais profunda de uma imagem, não buscando apenas os aspectos formais, mas, sobretudo, buscando uma leitura contextualizada, rica de conteúdo. Cada pessoa tem uma leitura de mundo diferenciada, e se faz necessário que o professor compreenda isso, e ajude seus alunos a terem uma visão horizontal e não fechada em seus próprios casulos, sempre respeitando o próximo. Quanto ao acompanhamento avaliativo, o mesmo se desdobrou através da pesquisa feita pelos alunos, e da interpretação oral e escrita da obra escolhida. A produção final dos vídeos também foi uma forma de avaliar a criatividade e o desempenho dos discentes.

Principalmente, pelo entendimento de entenderem que não se lê com profundidade, quem apenas olha uma imagem superficialmente. Também houve um interesse em participar de uma prática pedagógica diferenciada no campo das Artes. O uso da mesa de luz para a produção do desenho animado foi uma novidade para muitos, que não tinham o conhecimento desse recurso, e que outrora tinham resistência às atividades com prática em desenho. O uso do *software Movie Maker*, também foi um dos diferenciais na prática pedagógica, uma vez que fizeram uso de um programa de edição de vídeos, de fácil acessibilidade, cujo conhecimento poderia se desdobrar para trabalhos em outras disciplinas. Entende-se que atrelar os recursos tecnológicos à disciplina de Artes é uma forma de dinamizar o processo de ensino e aprendizagem, possibilitando maior interesse e participação dos alunos.

Considerações finais

O trabalho com enfoque na leitura de imagem, associado à técnica do desenho animado, oportunizou aos alunos um aprendizado interacionista e motivador. Sendo a competência leitora uma das exigências para estar inserido na sociedade, nada melhor que aproveitar o gênero visual, iconográfico como fomento para dinamizar esta habilidade.

Entende-se que toda prática pedagógica, além dos limites de uma metodologia tradicional, requer do professor uma pré-disposição para sair da zona de conforto. Retirar os alunos da sala de aula e levá-los a espaços alternativos, utilizando as tecnologias como recurso de aprendizagem, pode ser um desafio de grande porte para alguns educadores. A rotina diária para o trabalhador da educação pode se tornar cômoda e sem maiores perspectivas, se este não procurar inovar constantemente sua prática. Os cursos de formação, assim como os programas educacionais como o PIBID, são parceiros que podem ajudar no processo motivacional do educador. Contudo, se este não estiver disponível para constantes mudanças, não conseguirá sair do casulo do comodismo, e dificilmente alcançará a atenção e a aprendizagem dos seus alunos.

No que concerne à prática descrita neste relato, pode-se elencar como resultado satisfatório o bom desempenho dos alunos, evidenciado na participação dos mesmos nas atividades propostas e também no rendimento bimestral, cujos critérios se assentaram em atividade de pesquisa, exercícios orais e escritos de interpretação de imagem e avaliação bimestral. É pertinente descrever a satisfação pessoal do professor, em desenvolver uma prática possível de ser executada e funcional, tratando-se da receptividade e envolvimento dos alunos. O trabalho com leitura de imagem ampliou a visão dos discentes, para que desenvolvessem um olhar mais crítico e apurado, a partir da experiência vivida. Os alunos desenvolveram melhor a competência leitora, e entenderam que a partir de uma imagem é possível ter variados olhares e abordagens. O manuseio de alguns artefatos tecnológicos como a mesa de luz, o scanner, o computador, foram experiências enriquecedoras para os alunos, que até aquele momento não valorizavam o conhecimento inerente à disciplina de artes. O aprendizado se tornou significativo e desencadeador de novas práticas, que se estenderam durante o ano letivo de 2016. Isso mostra que é possível executar um trabalho diferenciado e eficaz. Contudo, é preciso ter pré-disposição para à pesquisa e acima de tudo motivação para sair da mediocridade e ousar novos horizontes.

Referências

AROUCA, Carlos. **Arte na escola: como estimular um olhar curioso e investigativo nos alunos dos anos finais do ensino fundamental**. São Paulo: Anzol, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BENJAMIM, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade. In: _____. **Magia e Técnica, arte e política - ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 2. ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. p. 165–196.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC: SEB, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARCUSE, Herbert. **A dimensão estética**. Tradução de: Maria Elisabete Costa. Lisboa/Portugal: edições 70, 2013.

MODINGER, Carlos et al. Artes Visuais, dança, música e teatro: práticas pedagógicas e colaborações docentes. (S/l), EDELBRA, 2012.

MORAES, Maria Cândida. **Pensamento eco-sistêmico**: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Tradução de: Hossein Shooja e Isabel Santos. Lisboa: Relógio D'água, 1992.